

POR UMA NOVA CONSCIÊNCIA DO ESPAÇO PÚBLICO

Fruto de uma relação dialética da evolução tecnológica com a alteração de valores, comportamentos e hábitos de consumo, registaram-se, nas últimas décadas, significativas mutações sociopolíticas, sendo uma das mais relevantes a ocorrida ao nível da *Ágora*, ou espaço público, das sociedades contemporâneas.

Influenciados pela representação que construímos da Grécia Antiga, habituámo-nos a pensar que, numa democracia, quem é “cidadão” acede à *Ágora* e aí intervém em igualdade com os demais. Porém, no presente, talvez suceda de modo inverso: quem acede à *Ágora* é “cidadão” e o modo como nela pode intervir determina a extensão dos seus direitos, liberdades e garantias. Assim, as circunstâncias do *local* onde as decisões relativas à *Pólis* são tomadas configuram a própria cidadania.

Há muito esse *local* começou a transformar-se e desmaterializar-se, sendo possível assinalar como alguns dos principais marcos desse caminho a Imprensa de Gutenberg, os Jornais, a Rádio e a Televisão. Todavia, assistimos, atualmente, a uma desmaterialização que tende a ser quase absoluta e à libertação do fator proximidade. Acresce que este novo espaço público é fragmentado e fluído, estando em vertiginosa mutação; é equívoco, pois juridicamente muitas das suas arenas, como as redes sociais, são, na verdade, plataformas privadas; e apresenta uma diluição das fronteiras entre o que tradicionalmente eram assuntos do domínio público e os que eram considerados de reserva privada.

É certo que este novo espaço público oferece potencialidades extraordinárias. Na verdade, nunca antes puderam os cidadãos, quer individualmente, quer através de movimentos, formais ou informais, fazer ouvir a sua voz, escrutinar o exercício do poder e envolver-se nos assuntos da coletividade com tanta facilidade. Todavia, também nunca estiveram expostos a

perigos tão significativos. De facto, nunca havia sido possível manipulá-los, vigiá-los e violar a sua privacidade, bem como descredibilizar as opiniões críticas com tanta facilidade e impunidade.

Impõe-se, assim, uma nova consciência do espaço público, que habilite os cidadãos com as competências e os conhecimentos necessários à maximização das oportunidades que lhes abre e à minimização dos riscos a que os sujeita. Não menos importante, é também necessária uma nova consciência do espaço público no sentido em que a todos que nele atuam deve ser exigido que se rejam por padrões éticos, de respeito pela dignidade e pelos direitos humanos, bem como pelas liberdades de expressão e de participação.

Neste quadro, torna-se evidente a extrema importância da literacia para os média como condição de cidadania. O “4.º Congresso Literacia, *Media* e Cidadania” constitui-se como uma oportunidade para refletir sobre o contributo que a Literacia Mediática pode dar para uma nova consciência do espaço público e sobre os desafios que este coloca àquela.

Os artigos que aqui se publicam foram objeto de apresentação e de debate nos dois dias de Congresso¹. Numa primeira parte, publicam-se os textos de alguns dos oradores convidados, abrindo-se a parte seguinte aos contributos dos participantes que quiseram partilhar os seus trabalhos. A terceira parte é dedicada ao tributo prestado ao Professor Paquete de Oliveira durante o Congresso – “Nunca se arrependam de ser bons”. Para que permaneça a memória desta singela homenagem, publicam-se os depoimentos lidos nesse momento, ficando apenas por retratar a brilhante atuação da Associação Cultural Gambozinos.

Pela organização,
GILM – Grupo Informal sobre Literacia para os Média

Citação:

GILM – Grupo Informal sobre Literacia para os Média (2017). Por uma nova consciência do espaço público. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Literacia, Média e Cidadania – Livro de Atas do 4.º Congresso* (pp. 8-9). Braga: CECS.

¹ Parte das intervenções do congresso podem ser vistas em goo.gl/fpSMhU